

Performatividade sociotécnica nas oficinas do espaço criativo da Universidade Federal da Paraíba

Cristhiane Kelen de Araujo Maciel Guerra
cristhiane.guerra@gmail.com

Patrícia Silva
patricia.silva@academico.ufpb.br

Resumo

Este estudo investiga como oficinas criativas realizadas na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba se constituem por redes sociotécnicas que articulam atores humanos e não-humanos, produzindo efeitos performativos nas práticas de ensino-aprendizagem e mediação da informação. Ancorado na sociomaterialidade e na Teoria Ator-Rede, adota abordagem qualitativa com observação participante em duas oficinas ([colagem] e [aquarela]), análise de documentos operacionais (formulários, listas de presença, materiais de divulgação) e artefatos produzidos. A análise, orientada pelo princípio de “seguir os atores”, evidencia que a performatividade das oficinas emerge do alinhamento contingente entre pessoas, materiais (papéis, tintas, ferramentas), arranjos espaciais e artefatos informacionais (registros, regulamentos, mídias digitais). Os achados mostram: a) materiais convocam e limitam ações; b) o espaço físico agênciia pertencimento e colaboração; c) infraestruturas informacionais estabilizam associações e ampliam o alcance das atividades; e d) a participação feminina (organização, facilitação e autoria) amplia repertórios e sustenta rotinas inovadoras, dialogando com o ODS 4 (Educação de Qualidade). Conclui-se que bibliotecas universitárias, concebidas como ambientes híbridos, podem fortalecer práticas formativas e extensionistas ao reconhecer e gerir redes sociotécnicas que sustentam a inovação cotidiana.

Palavras-chave: sociomaterialidade; teoria ator-rede; bibliotecas universitárias; mediação da informação; oficinas criativas; performatividade.

Sociotechnical performativity in the creative space workshops at the Federal University of Paraíba

Abstract

This qualitative study examines how creative workshops at the Central Library on Federal University of Paraíba are constituted through sociotechnical networks that entangle human and non-human actors, producing performative effects on teaching-learning and information mediation practices. Grounded in sociomateriality and Actor-Network Theory, we conducted participant observation in two workshops ([collage] and [watercolor]), and analyzed operational records and produced artifacts. Guided by the “follow-the-actors” principle, findings show that performativity emerges from contingent alignments among people, materials (paper, inks, tools), spatial arrangements, and informational artifacts (records, regulations,

social media). We identify: a) materials invite and constrain action; b) space mediates belonging and collaboration; c) information infrastructures stabilize associations and extend outreach; and d) women's participation in organizing and authoring sustains innovative routines, aligning with SDG 4 (Quality Education). University libraries, as hybrid environments, can strengthen educational and outreach practices by recognizing and managing the sociotechnical networks that sustain everyday innovation.

Keywords: sociomateriality; actor-network theory; university libraries; information mediation; creative workshops; performativity.

1 INTRODUÇÃO

Bibliotecas universitárias vêm ampliando o escopo de serviços para além da guarda de coleções, integrando experiências de criação, aprendizagem ativa e extensão. Contudo, ainda é pouco explorada a importância da relação entre sujeitos e objetos — isto é, os arranjos entre humanos e não-humanos (pessoas, materiais, espaços, registros, plataformas) — e como eles co-produzem práticas em bibliotecas (Latuor, 2012). Estudos nacionais apontam a necessidade de ambientes que favoreçam criatividade, colaboração e inovação (Dias; Silveira, 2021; Holz, 2021), e reconhecem o papel de *makerspaces* e ações culturais. Ainda assim, faltam análises que tornem visíveis as associações sociomateriais que sustentam o cotidiano dessas práticas em bibliotecas universitárias brasileiras.

De acordo com Dias e Silveira (2021), as bibliotecas universitárias, historicamente vinculadas ao estudo e à pesquisa, enfrentam o desafio de se reinventar diante das transformações acadêmicas contemporâneas. Nesse cenário, torna-se necessário promover ambientes que favoreçam a criatividade, a colaboração e a inovação, como exemplifica o espaço criativo da Biblioteca Central (BC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), voltado ao desenvolvimento de projetos, oficinas e expressões artísticas.

Conforme Holz (2021), o espaço criativo da BC atua como um ambiente voltado para ações culturais, educativas e sociais, abertas tanto à comunidade acadêmica quanto ao público externo. Com foco na criatividade, na interação e nas práticas manuais, o espaço oferece oficinas explorando diversas formas de expressão artística e artesanal. A literatura brasileira em biblioteconomia aborda *makerspaces* e ações culturais (Jesus, 2024; Santo; Barradas, 2021; Mendonça et al., 2024, mas ainda carece de estudos que tornem visíveis as associações sociomateriais, evidenciando a interdependência entre os aspectos humanos e materiais, na construção das práticas realizadas, pois mais do que um local para oficinas, o espaço criativo da BC representa uma nova abordagem para o papel da biblioteca.

Na perspectiva sociomaterial, o social e o material são indissociáveis nas práticas: o que ocorre em organizações, salas de aula e bibliotecas resulta de arranjos contingentes entre pessoas, objetos, espaços, documentos e tecnologias. Inspirando-se em Latour (2012), parte-se do princípio de “seguir os atores”, humanos e objetos/coisas, para tornar visíveis as redes que se montam, estabilizam e se desfazem; o “social”, aqui, é efeito dessas conexões. Aplicada à biblioteconomia, essa abordagem permite compreender oficinas, serviços e mediações da informação como redes sociotécnicas nas quais mesas, iluminação, formulários, normas, softwares e pessoas co-produzem a experiência. Ao adotar essa lente na análise do Espaço Criativo de uma biblioteca universitária, buscamos mapear quem/que coisas entram em jogo, como se conectam e com que efeitos, reconhecendo que aprender, organizar e inovar são performances de redes em que humanos e não humanos agem juntos.

A adoção da perspectiva sociomaterial (Orlikowski, 2007) impulsiona uma abordagem inovadora na gestão de espaços educativos e culturais. Esse modelo favorece práticas mais inclusivas, participativas e alinhadas às particularidades locais, reforçando o compromisso da biblioteca com a inovação, o acolhimento e a integração comunitária. Assim, o ambiente

tradicional dá lugar a um espaço híbrido e dinâmico, aberto à experimentação, onde a interação entre pessoas, objetos, tecnologias e conhecimentos contribui para novas formas de aprendizagem e pertencimento, em redes, que doravante redes sociotécnicas.

A partir desse argumento, o objetivo do trabalho é analisar como redes sociotécnicas se (re)alinham durante oficinas do Espaço Criativo da BC/UFPB, explicitando o papel de materiais, espaço e infraestruturas informacionais na mediação da informação.

Metodologicamente o estudo se ancora na abordagem qualitativa, descritivo-analítica, realizado na Biblioteca Central da UFPB, focalizando duas oficinas do Espaço Criativo (colagem, 4h; aquarela, 2h) em abril/2025.

2 METODOLOGIA

Adotamos a abordagem qualitativa, descritivo-analítico, com o objetivo de compreender as dinâmicas presentes nas oficinas, a partir de uma perspectiva sociomaterial. De acordo com Marconi (2022), a pesquisa qualitativa busca interpretar aspectos mais profundos e subjetivos da realidade social, valorizando a complexidade das ações humanas, sem recorrer a métodos estatísticos ou generalizações universais. Essa abordagem compreende duas etapas principais: a coleta de dados e a posterior análise e interpretação desses dados.

Foram observadas neste estudo duas oficinas no mês de abril de 2025: a Oficina de Colagem, com duração de quatro horas, e a Oficina de Pintura, com duração de duas horas. Ambas foram acompanhadas por meio da participação ativa da pesquisadora, que esteve presente do início ao fim das atividades, registrando atentamente os movimentos, os diálogos e os usos dos materiais envolvidos. As observações foram realizadas por registros fotográficos e coleta de materiais produzidos pelos participantes, como trabalhos artísticos e suportes visuais usados durante os encontros.

Além das observações presenciais, foram consultados os formulários *on-line*, planos de atividades do projeto, lista de presença que ajudaram a fornecer informações importantes sobre a organização das atividades. Os materiais gráficos e fotográficos também foram analisados não apenas como ilustrações, mas como elementos significativos das práticas, capazes de expressar modos de fazer, interações e afetos compartilhados.

Tomando como base as ideias de Latour (2012), a investigação não se restringiu à descrição de ações humanas isoladas, mas procurou compreender como pessoas, objetos, tecnologias e normas institucionais se articulam em redes heterogêneas (Silva, 2020), que estruturaram as oficinas. Cada encontro foi interpretado como uma construção singular, originada a partir de interações, negociações e ajustes contínuos entre os diversos elementos que compõem essas redes.

Durante o processo de análise, foi construído um mapa visual com base nas rotinas observadas, especialmente nas ações da coordenadora do projeto, evidenciando o entrelaçamento entre decisões, materiais utilizados, modos de organização do espaço e interações entre os participantes. Esses mapas serviram para identificar como as oficinas ganham forma a partir de múltiplas contribuições, que envolvem desde a tesoura e a mesa até a disposição das cadeiras ou a iluminação do ambiente.

É importante salientar que o estudo não envolveu participantes humanos como sujeitos de pesquisa. O corpus empírico contemplou apenas atores não-humanos e artefatos institucionais: materiais e utensílios (papéis, tintas, ferramentas), arranjos espaciais e documentos de uso público ou interno sem dados pessoais identificáveis (p. ex., regulamentos, peças de divulgação, *checklists* operacionais). Não foram realizadas entrevistas, intervenções, coleta de opiniões ou observações de desempenho individual; não foram registradas imagens identificáveis de pessoas. Ainda assim, foram observadas boas práticas de integridade: supressão de qualquer elemento identificador, enquadramento fotográfico centrado em objetos/ambiente e armazenamento seguro dos arquivos.

3 SOCIOMATERIALIDADE, REDES SOCIOTÉCNICAS E PERFORMATIVIDADE NA BIBLIOTECA

A ambientação física e simbólica da biblioteca pode ser um fator determinante para fomentar a criatividade, na medida em que o espaço molda práticas, interações e formas de pertencimento. Conforme argumentam Bilandzic e Foth (2013), os ambientes de aprendizagem, quando projetados com flexibilidade espacial e foco na colaboração, favorecem a emergência de experiências criativas e participativas. Elementos como *layouts* móveis, mobiliário adaptável e espaços de convivência tornam-se essenciais para permitir que os usuários reorganizem o espaço conforme suas dinâmicas, encorajando a experimentação e a coautoria.

Orlikowski (2007) enfatiza que os objetos técnicos, como lápis de cor, tintas, papéis e outros insumos plásticos, não são apenas ferramentas passivas, mas constituem elementos performativos nas práticas organizacionais. Assim, na perspectiva sociomaterial, os recursos materiais são entendidos como coatores nos processos de construção do conhecimento e mediação da experiência estética. Além disso, a disposição acessível e visível de materiais contribui para a ativação do potencial criativo dos participantes.

De acordo com Silva (2020, p. 30), “Pensar a sociomaterialidade pluraliza as práticas educativas, de modo a levar em conta os corpos, objetos/coisas e espaços ao lado e com o humano”. Ainda segundo a autora, o termo “social”, longe de indicar apenas relações entre pessoas, remete ao latim *socius* — aquilo que se associa. Nessa perspectiva, o social é a trama de conexões e interações entre quaisquer atores: humanos, objetos/coisas, artefatos, plantas, animais, documentos, códigos e espaços. Falar em sociomaterialidade é, portanto, afirmar que o social é indissociável do material: práticas e saberes emergem do acoplamento performativo entre humanos e não humanos.

Para Latour (1994), pensar nas redes sociotécnicas são como espaços fecundos de circulação de conhecimentos, nos quais cada ator, humano ou não, deixa vestígios que o pesquisador deve seguir para compreender como a realidade se compõe. O conhecimento torna-se, assim, visível nas próprias conexões e deslocamentos dos atores (Silva, 2018).

As redes sociotécnicas não se reduzem a cenários tecnológicos: constituem constelações vivo-materiais em contínua recomposição. Investigá-las demanda mapear infraestruturas, práticas culturais e relações de poder, garantindo governança participativa e equidade de acesso. Mais do que um conceito, elas se apresentam hoje como um programa de investigação e intervenção capaz de reposicionar a pesquisa na CI brasileira nos debates globais sobre sociomaterialidade, justiça cognitiva e inovação pedagógica.

No que diz respeito a performatividade nas redes de prática, nos baseamos na Teoria Ator-Rede (TAR), que propõe uma abordagem relacional em que o “social” não é um domínio prévio, mas um efeito contingente das conexões entre entidades heterogêneas. Logo, a ação é distribuída e a realidade social é performada continuamente nas articulações entre pessoas, objetos, normas, espaços e tecnologias. Essa virada implica deslocar a técnica do lugar de mero instrumento para o de mediador: materiais e artefatos co-participam das ações e configuram possibilidades e limites do que pode acontecer. “Abrir a caixa-preta” (Bijker, 1987; Dias; Silveira, 2021) significa desnaturalizar os objetos, rastrear seus acoplamentos e descrever como eles estabilizam (ou desestabilizam) práticas.

A noção de performatividade, originalmente delineada nos estudos de linguagem de J. L. Austin (1979) nos atos de fala, expandiu-se por meio das teorias feministas, dos estudos de ciência e tecnologia e das abordagens sociomateriais. No debate contemporâneo, o termo sublinha que as práticas não apenas descrevem a realidade; elas a constituem. Identidades, saberes e relações são incessantemente encenados e reiterados por meio de arranjos materiais-discursivos — como argumentam Butler (2003), a TAR de Latour (2012) e demais aportes críticos.

A TAR dialoga com ontologias relacionais como a de Haraway (2009), para quem sujeitos e coletivos são híbridos constituídos por corpos, códigos e dispositivos. Em termos de prática, isso converge com Mol (2002): práticas não são meras execuções de um roteiro, mas efeitos

performativos de redes sociotécnicas em ato. Do mesmo modo, Law e Singleton (2005) mostram que organizações não existem como entidades fixas: elas acontecem quando relações materiais, tecnológicas, simbólicas e institucionais se alinham — e deixam de acontecer quando esses alinhamentos se desfazem.

Aplicado às oficinas analisadas, esse enquadramento permite descrevê-las como arranjos performáticos: acolhimento, preparação do espaço, circulação de materiais, regras de uso, registros documentais e interação em mídias digitais co-produzem momentos de coordenação e aprendizagem. Assim, significados, interações e resultados não estão dados de antemão; eles emergem da negociação contínua entre humanos e objetos/coisas que compõem a rede sociotécnica em cada oficina.

Cada uma dessas etapas é composta por múltiplas ações que não pertencem exclusivamente a ação humana, mas são coproduzidas por mesas, tesouras, tintas, formulários, computadores e afetos. Orlikowski (2007) reforça essa perspectiva ao afirmar que práticas organizacionais são continuamente reconfiguradas por meio da interação entre estruturas sociais e materiais. Assim, no caso analisado, cada oficina se constitui como uma rede performada, na qual o êxito das atividades depende do alinhamento contingente entre pessoas, artefatos e condições contextuais. A ausência de um voluntário, a quebra de um equipamento ou a falha na internet, por exemplo, podem desestabilizar toda a rede, evidenciando a natureza distribuída e interdependente da ação.

Portanto, ao adotar a lente da performance sociomaterial, compreende-se que o fazer extensionista não reside apenas na execução de um plano, mas na mobilização contínua de uma rede heterogênea que torna a prática possível. Reconhecer essas performances é essencial para valorizar o trabalho invisível que sustenta as ações e para repensar a inovação em bibliotecas universitárias como resultado de redes vivas, em constante negociação.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Os materiais desempenham um papel ativo no processo criativo, como evidenciado nas oficinas de pintura e colagem (Fotografia 1 e Fotografia 2). Essa perspectiva reflete a abordagem sociotécnica que entende técnica e sociedade como intrinsecamente conectadas em redes híbridas.

Fotografia 1 - Oficina de Colagem.



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Entre as oficinas ofertadas, a Oficina de Colagem configura-se como uma prática artística e educativa que potencializa a livre expressão, a experimentação e a criação coletiva. De acordo com Barbosa (2010), as linguagens visuais como a colagem favorecem a autoria e o deslocamento de sentidos, possibilitando que os sujeitos componham narrativas por meio da justaposição de imagens, texturas e formas. Trata-se de uma técnica de acesso democrático, que exige poucos recursos materiais e permite um letramento visual sensível e aberto à pluralidade de interpretações.

Na atividade representada pela Fotografia 1, por exemplo, a proposta foi a construção de máscaras com base no tema “Máscaras Africanas”, utilizando fragmentos de papel como matéria-prima simbólica. Tal abordagem favorece não apenas a expressão subjetiva, mas também o reconhecimento de repertórios culturais diversos, alinhando-se à pedagogia do reconhecimento proposta por Fraser (2006).

A colagem, como apontam Fernandes e Oliveira (2015), constitui também uma ferramenta terapêutica e pedagógica relevante, uma vez que permite ressignificar experiências, estimular o autoconhecimento e promover o acolhimento por meio da criação visual. Sua flexibilidade metodológica a torna aplicável a diferentes faixas etárias e contextos sociais, desde a educação infantil até processos formativos na vida adulta. Além disso, ao integrar múltiplas camadas de sentidos e suportes, a colagem opera como prática de cuidado, atuando contra o ritmo acelerado e hiperestimulado da contemporaneidade (Silva, 2020).

Nesse contexto, a oficina de colagem não deve ser compreendida apenas como uma atividade estética, mas como uma prática sociotécnica performada em rede, na qual objetos (papéis, tesouras, colas), sujeitos (participantes, coordenadora, voluntários) e sentidos (emoções, repertórios culturais) interagem para constituir experiências significativas. A criação coletiva em torno da colagem revela como esses diferentes elementos se conectam para formar uma rede de produção simbólica, afetiva e material, expressando subjetividades e reconfigurando narrativas individuais e coletivas.

Na Oficina de Pintura, ilustrada pela Fotografia 2, a técnica da aquarela é mobilizada como meio de expressão estética e sensível. Marcada por características como leveza, transparência e fluidez, a aquarela permite que as emoções e os estados subjetivos dos participantes se manifestem por meio da cor e do gesto.

Fotografia 2 - Oficina de Pintura.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Segundo Barbosa (2010), a pintura é uma linguagem de construção simbólica e emocional, em que o processo criativo pode servir tanto à expressão quanto à elaboração interna de vivências.

A proposta da aquarela, nesse contexto, convida ao repouso, à contemplação e ao acolhimento do presente, funcionando como uma prática que desenvolve paciência, atenção e escuta sensível. Como destaca Ostrower (1987), o fazer artístico promove o encontro entre percepção e ação, abrindo espaço para a construção de um olhar poético sobre o mundo. A atividade se mostra acessível a diferentes perfis de participantes, estimulando desde o aprendizado técnico até a experimentação livre, elemento valorizado por pedagogias centradas no sujeito criador.

Além de seu valor estético, a aquarela também pode ser compreendida como uma linguagem terapêutica. De acordo com Malchiodi (2003), práticas de arte visual como o uso da cor e da água atuam na regulação emocional e no fortalecimento da autoestima, favorecendo a escuta de si e a partilha de experiências em contextos coletivos. Assim, as oficinas de aquarela não apenas oferecem um espaço de criação, mas se configuram como territórios de cuidado e elaboração simbólica.

Nesse processo, a atividade se inscreve como uma prática sociotécnica performada em rede. Os materiais – pincéis, papéis, pigmentos, copos d’água – e até os silêncios partilhados no ambiente tornam-se partícipes que colaboram da experiência. A interação entre sujeitos e artefatos técnicos não apenas media a criação artística, mas também reorganiza formas de sensibilidade, de expressão e de presença. Conforme Haraway (2009), os processos de subjetivação não se restringem ao humano, mas emergem de encontros entre organismos, máquinas e sistemas simbólicos, constituindo redes híbridas de criação e pertencimento.

A influência da materialidade na criação pode ser observada em três aspectos principais:

1. Convocando ações: Materiais não são neutros; eles provocam respostas específicas. Por exemplo: Tintas e pincéis (Fotografia 1) exigem técnicas que orientam gestos e decisões estéticas;
2. Limitando e direcionando: A materialidade tanto restringe quanto potencializa: Colagens (Fotografia 2) dependem de recortes físicos, moldando composições.
3. Mediando relações sociotécnicas: Assim como a eletricidade não é apenas um impacto externo, mas parte de um sistema sociotécnico, os materiais das oficinas atuam como cocriadores das dinâmicas criativas.

Com relação as interações sociotécnicas, podemos refletir sobre os papéis na rede, sejam eles colaborativos e tecnológicos, conforme quadro 1.

Quadro 1 – Papéis na rede.

Papéis Colaborativos	Voluntários não são atuantes fixos; sua participação é redefinida em cada interação. Atuando como mediadores, eles transformam a rede ao introduzir novas associações, como práticas, contatos e conhecimentos. Bibliotecária como articuladora de conexões: Mais que uma gestora, a bibliotecária desempenha um papel central ao conectar humanos (voluntários e participantes) e objetos/coisas (livros, espaços e tecnologias). Participantes como cocriadores de saber: Os participantes transcendem o papel passivo, contribuindo ativamente para moldar a rede através de interações, como sugestões de livros ou organização de eventos. Em uma rede, a ação é compartilhada e delegada entre pessoas, objetos e regras.
	Fotografias não apenas documentam momentos transitórios, mas reconfiguram eventos, tornando-os visíveis e acessíveis para públicos distantes no tempo e no espaço. Formulários organizam respostas e feedbacks de maneira orientada, direcionando o que é registrado e como será interpretado. Eles desempenham o papel de mediadores, delegando

Papéis Tecnológicos	parte da ação humana a protocolos predefinidos e padronizados. Redes sociais, como Instagram e Facebook, expandem o projeto ao conectá-lo a novos atores, como seguidores e financiadores. Sob a ótica da TAR, essas plataformas mesclam interações humanas, algoritmos e interesses institucionais, enfatizando sua natureza híbrida.
---------------------	--

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

A análise do atendimento às demandas das oficinas, permitiu interpretar as práticas como performances dinâmicas, moldadas por redes sociotécnicas em constante evolução. Observamos nove performances principais, que evidenciam a materialidade e a conectividade dessas ações conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Performances operacionais.

Interação Social	Performance de Acolhimento: Envolve o cumprimento de colegas e o estabelecimento de interações interpessoais no balcão da biblioteca, marcando o início da rede.
Leitura do Ambiente	Performance de Diagnóstico do Espaço: Observação do ambiente físico e dos usuários, identificando demandas potenciais.
Preparação do Ambiente	Performance de Ambientação: Abertura da sala, acionamento da iluminação e organização do espaço físico.
Organização Pessoal	Performance de Organização: Ações como guardar objetos pessoais, que garantem o conforto e a disponibilidade da coordenadora para atuar.
Tecnologia	Performance Tecnológica: Ligamento de ar-condicionado, assegurando conforto térmico.
Conectividade Digital	Performance de Conexão: Acesso ao computador e ao <i>gmail</i> institucional
Gerenciamento de Dados	Performance de Administração: Localização e uso de arquivos no Google Drive relativos à oficina.
Verificação de Inscrições	Performance de Conferência: Conferência de listas e cruzamento de dados dos inscritos.
Comunicação	Performance de Notificação: Envio de e-mails de confirmação aos participantes.

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

O sucesso das oficinas não depende unicamente das habilidades da coordenadora ou da adesão dos participantes, mas da mobilização de uma rede heterogênea. Elementos como energia elétrica, mobiliário, conexão à internet, arquivos digitais, infraestrutura da biblioteca e suportes tecnológicos (computadores, e-mails, planilhas) desempenham papéis essenciais para a concretização das atividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas do Espaço Criativo da Biblioteca Central da UFPB mostraram-se arranjos sociotécnicos dinâmicos, performados por associações contingentes entre humanos e não humanos. À luz da sociomaterialidade e da Teoria Ator-Rede, entendemos que o “social” não preexiste às práticas: ele emerge do entrelaçamento de pessoas, objetos, tecnologias, espaços e afetos que, ao se alinharem, fazem acontecer as atividades (Latour, 2012).

Os resultados indicam que o êxito das oficinas não decorre apenas da agência humana (coordenação e participação), mas do alinhamento cotidiano entre múltiplos mediadores: mobiliário e sua disposição, disponibilidade de energia e insumos, dispositivos e plataformas digitais, materiais artísticos, rotinas e suporte institucional. O mapa visual das conexões evidenciou como microdecisões, da organização do espaço à escolha de ferramenta, reconfiguram fluxos, ritmos e formas de colaboração, afetando diretamente a experiência formativa.

A principal contribuição deste estudo é deslocar a lente antropocêntrica: ações educativas e culturais não são exclusivamente “obra” de sujeitos humanos, mas co-produções distribuídas sustentadas por infraestruturas materiais e informacionais. Esse enquadramento amplia a compreensão do papel das bibliotecas universitárias como ambientes híbridos de experimentação e inovação, frequentemente subestimados em sua potência de criação (Dias; Silveira, 2021).

Implicações práticas: a) Para bibliotecas universitárias: adotar modelos de gestão que tratem o espaço como plataforma sociotécnica, com infraestrutura flexível (mobiliário modular, sinalização, kits de materiais) e uso intencional de tecnologias para coordenação e memória institucional; b) Para projetos de extensão: reconhecer e planejar a participação de elementos não humanos (materiais, plataformas, arranjos espaciais) como condições de possibilidade da experiência e da produção de conhecimento; c) Para políticas públicas: fomentar iniciativas que valorizem redes colaborativas e a articulação entre sujeitos, objetos e instituições, orientando recursos e indicadores à qualidade das associações e não apenas a insumos ou resultados isolados.

A análise reforça que a abordagem sociomaterial expande o entendimento das práticas educativas em bibliotecas: longe de espaços neutros, elas são territórios relacionalmente compostos, sensíveis a materialidades, corpos e mediações tecnológicas. Em sintonia com perspectivas relacionais (Haraway, 2009), inovação não se limita a introduzir “novas ferramentas”, mas a orquestrar redes que sustentem práticas significativas e inclusivas.

Assim, o Espaço Criativo se firma como campo fértil para práticas extensionistas baseadas em cooperação, materialidade e escuta, reposicionando a biblioteca universitária como lugar de criação compartilhada entre humanos e não humanos — onde aprender, criar e cuidar são performados na e pela rede.

Para avançar, sugerimos estudos que repliquem esta análise em outras bibliotecas (universitárias, públicas e escolares) e ao longo de um ciclo letivo completo, para observar como as redes se estabilizam ou mudam no tempo; intervenções de *design*, exemplos: *layout* do espaço, *kits* de materiais, fluxos informacionais; mapeamento dos rastros digitais (plataformas, formulários, mídias) e da governança da informação; investigações sobre gênero e equidade (especialmente o papel das mulheres na sustentação das rotinas).

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1975. Disponível em: <https://www.ebsco.com/research-starters/literature-and-writing/how-do-things-words-john-langshaw-austin>. Acesso em: 15 set. 2025

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BILANDZIC, M.; FOTH, M. Libraries as coworking spaces: understanding user motivations and perceived barriers to social learning. **Library Hi Tech**, v. 31, n. 2, p. 254–273, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. Acesso em: 14 abr. 2025.

FERNANDES, Maria Cristina; OLIVEIRA, Rosângela R. Colagem como instrumento de expressão e subjetividade: uma abordagem terapêutica. **Revista Psicologia em Foco**, v. 7, n. 2, p. 103–115, 2015.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 7–39, 2006.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. Acesso em: 14 abr. 2025.

HOLZ, Edvalter Becker. Sociomaterialidade e análise organizacional: da retórica à relevância. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 28, n. 97, p. 227–251, 2021. Acesso em: 14 abr. 2025.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

LAW, John; SINGLETON, Vicky. Object lessons. **Organization**, v. 12, n. 3, p. 331–355, 2005.

MALCHIODI, Cathy A. **Arte-terapia**: imagens do inconsciente. São Paulo: Summus, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 8. ed. Barueri, SP: Atlas, 2022.

MOL, Annemarie. **The body multiple**: ontology in medical practice. Durham: Duke University Press, 2002.

ORLIKOWSKI, Wanda J. Sociomaterial practices: exploring technology at work. **Organization Studies**, v. 28, n. 9, p. 1435–1448, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

SILVA, Patrícia Maria. A virada sociomaterialista e agência dos não-humanos. **Conhecimento em Ação**, v. 3, n. 2, p. 70-91, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/rca/article/view/19774>. Acesso em: 04 maio 2025.

SILVA, Patrícia Maria da. **Protagonismo humano-não-humano nas práticas pedagógicas**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32246>. Acesso em: 21 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Documentos do projeto Espaço Criativo**: Biblioteca em Ação. João Pessoa: Biblioteca Central/UFPB, 2024–2025.